

**UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO**

**DANIELE MARIA ZAMBONI LOPES**

**ANÁLISE DE TRAJETÓRIA DE OTTO VON  
BISMARCK E DA ALEMANHA: DA UNIFICAÇÃO  
À INFLUÊNCIA NO SÉCULO XX E XXI.**

**BAURU**

**2016**

**DANIELE MARIA ZAMBONI LOPES**

**ANÁLISE DE TRAJETÓRIA DE OTTO VON  
BISMARCK E DA ALEMANHA: DA UNIFICAÇÃO  
À INFLUÊNCIA NO SÉCULO XX E XXI.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob a orientação do Profº Dr Bruno Vicente Lippe Pasquarelli.

**Bauru**

**2016**

**DANIELE MARIA ZAMBONI LOPES**

**ANÁLISE DE TRAJETÓRIA DE OTTO VON BISMARCK E DA  
ALEMANHA: DA UNIFICAÇÃO À INFLUÊNCIA NO SÉCULO XX  
E XXI.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob a orientação do ProfºDr.Bruno Vicente Lippe Pasquarelli.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof ºDr Bruno Vicente Lippe Pasquarelli

Universidade do Sagrado Coração

---

ProfºMeFabio José Souza

Universidade do Sagrado Coração

---

ProfªMa.Beatriz Sabia Ferreira Alves

Universidade do Sagrado Coração

Bauru, 01 de Dezembro de 2016

Lopes, Daniele Maria Zamboni

L8641a

Análise de trajetória de Otto Von Bismarck e da Alemanha: da unificação à influência no século XX e XX.  
IDaniele Maria Zamboni Lopes.-- 2016.  
50f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Vicente Lippe Pasquarelli.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade do Sagrado Coração - Bauru - SP

1. Bismarck. 2. Unificação. 3. Alemanha. 4. Diplomacia. 5. Reich. I. Pasquarelli, Bruno Vicente Lippe. II. Título.

Existem filósofos alemães? Existem escritores alemães? Existem bons livros alemães? Fazem-me esta pergunta no estrangeiro. Ruborizo-me! Mas com toda a delicadeza que sou capaz nestas situações delicadas, eu respondo: - Sim! Bismarck!" - F.Nietzsche - Götzendämmerung, 1888.

## RESUMO

A política de Bismarck voltava-se principalmente para o nacionalismo e militarismo. De início extremamente conservador, aristocrata e monarquista. Bismarck lutava contra movimentos sociais democratas em 1880, inclusive tornando algumas organizações ilegais, porém, pragmaticamente ele instituiu a lei de acidentes de trabalho, o reconhecimento dos sindicatos, o seguro de doença, acidente ou invalidez entre outras, convencido de que apenas com as ações do estado na resolução destes problemas, poderiam fazer frente às novas ideias políticas. A análise realizou um aprofundamento da política e na formação dos ideais políticos defendidos por Bismarck, desde seus estudos, sua formação, o que futuramente o levariam a ser chamado de chanceler de ferro. Alguns historiadores acreditam que o regime de Bismarck a democracia alemã, posteriormente na república Weimar falharia, iniciando-se o regime ditatorial do Terceiro Reich. Para entendermos as principais intenções do regime de Bismarck, traremos em vista os prós e contras para a solidificação utilizados para criação e para o início de várias reformas administrativas internas, incentivadas pelo mesmo, criando uma moeda comum para todo o estado, instituiu um banco central e promulgou um código civil e um código comercial comum a toda a Alemanha. A contribuição para as relações internacionais será trazendo luz para as realizações de uns dos mais importantes internacionalistas do século XIX, buscando o entendimento do cenário internacional do século XIX, como as relações diplomáticas e políticas relevavam um autor de imensa importância para o século XX. Após dois séculos vemos a globalização destruindo barreiras que impediam o diálogo e criando facilidades de comunicação com todas as nações soberanas. Com essas mudanças vemos uma democracia alemã renovada, superando grandes eventos em sua história, podemos considerá-la uma das nações mais influentes do mundo hoje.

Palavras-chaves: Unificação. Diplomacia. Reich. Bismarck. Alemanha.

## **ABSTRACT**

The Bismarck policy turned primarily to nationalism and militarism. Extremely chatty, aristocrat and royalist start. Bismarck fought social democratic movements in 1880, including making some illegal organizations, however, pragmatically it establishes the law of work accidents, recognition of trade unions, health insurance, accident or disability among others, convinced that only with state actions in solving these problems, could cope with the new political ideas. The analysis had done a deepening of political and formation of political ideas defended by Bismarck from his studies, his training, which eventually would lead him to be named chancellor of iron. Some historians believe that the Bismarck regime to German democracy, later in the Weimar republic would fail, starting the dictatorial regime of the Third Reich. To understand the main intentions of the Bismarck regime, we will bring in mind the pros and cons for the solidification used for creation and the beginning of several internal administrative reforms, encouraged by the same, creating a common currency for the entire state, established a central bank and issued a civil code and commercial code common to Germany. The contribution to international relations will be bringing light to the achievements of one of the most important internationalists of the nineteenth century, seeking the understanding of the international scene of the nineteenth century, as the diplomatic and political relations releviam an immensely important author of the twentieth century. After two centuries we see globalization destroying barrier that prevented dialogue and creating communication facilities with all sovereign nations. With these changes we see a renewed German democracy, overcoming great events in its history, we can consider it one of the most influential nations in the world today.

**Keywords: Unification. Diplomacy. Reich. Bismarck. Germany.**

## Sumário

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2. A FORMAÇÃO DOS ESTADOS NACIONAIS</b> .....	<b>11</b>
2.1 A coerção e o capital na formação dos estados nacionais .....	12
2.2 A era das revoluções e sua influência para a unificação dos Estados....	16
2.3 O espaço alemão no início do século XIX.....	18
2.4 A confederação alemã e a formação do Zollverein .....	19
<b>3. A FORMAÇÃO DO ESTADO-ECONOMIA NACIONAL ALEMÃO</b> .....	<b>23</b>
3.1 A importância de Otto Bismarck para a unificação .....	24
3.2 As características da Alemanha unificada.....	27
<b>4. DOMINAÇÃO E ENFRAQUECIMENTO DA DEMOCRACIA NA ALEMANHA DOS SÉCULOS XIX E XX</b> .....	<b>31</b>
4.1 As bases econômicas e políticas da Alemanha .....	32
4.2 Guerra e paz no século XX.....	34
4.3 As ideias de Bismarck sobre a visão de líderes mundial do século XX e XXI .....	42
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>49</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho propõe através de uma análise de trajetória política de Bismarck, compreender como a liderança do chanceler de ferro possibilitou a unificação alemã, que, mais tarde colocou o país como ator de extrema relevância no cenário internacional do século XX. Desta maneira o objetivo deste estudo é analisar a trajetória política e compreender como a liderança de Bismarck levou a unificação dos povos germânicos em um único estado que seria a Alemanha e como mais tarde, a mesma, se tornou de extrema relevância no cenário internacional.

O pensamento de Bismarck se baseava no pensamento realista das situações, sempre em busca de poder, acreditando que o mundo era anárquico e que necessitava de uma liderança forte para manter os estados unidos.

A política de Bismarck voltava-se principalmente para o nacionalismo e militarismo. De início extremamente conversador, aristocrata e monarquista. Bismarck lutava contra movimentos sociais democratas, inclusive tornando algumas organizações ilegais, porém, pragmaticamente ao longo de seu governo, ele compreende a importância dos trabalhadores. Sendo assim, o próprio instituiu a lei de acidentes de trabalho, o reconhecimento dos sindicatos, o seguro de doença, acidente ou invalidez entre outras, em sua linha de pensamento extremamente convencido de que apenas as ações do estado na resolução destes problemas, poderiam fazer frente às novas ideias políticas.

A análise realizará um aprofundamento da política e na formação dos ideais defendidos por Bismarck, desde seus estudos, sua formação, o que futuramente o levaria a ser chamado de chanceler de ferro. Sua importância está em sua forma de pensar e agir, se destacando em sua época como um objeto de estudo de relações internacionais.

Acredita-se que o regime de Bismarck e a democracia alemã, posteriormente na república Weimar, pelo fato de ter como base um regime militarista e autoritário, sem bases democráticas, a república estaria condenada ao fracasso desde o princípio, por não ter sustentabilidade e força para se manter em época de crise com isso dando início ao regime ditatorial do Terceiro Reich. (KISSINGER, 2008, p 147).

Para entendemos as intenções do regime de Bismarck, analisaremos os prós e contras utilizados para sua solidificação de sua nação e como o mesmo fez uso de seu poder para iniciar várias reformas administrativas internas, incluindo o parlamento, criando uma moeda comum para todo o estado, instituiu um banco central e promulgou um código civil e um código comercial comum a toda a Alemanha.

Em sua política externa, em 1878 presidiu o Congresso de Berlim, no qual atuou como mediador entre as grandes potências. Nesse mesmo ano, uma aliança com a Áustria-Hungria marcou uma nova etapa de conservadorismo na política de Bismarck, que se refletiu internamente através de sua política antissocialistas.

A contribuição para as relações internacionais será suas medidas políticas, sua determinação e seu legado como um dos maiores internacionalistas do século XIX, buscando entendimento do cenário internacional do século XIX, com as relações diplomáticas e políticas relevariam um cenário audacioso e um autor de imensa importância para o século XX.

A pesquisa será referencial em busca de reunir informações sobre a unificação dos estados germânicos, desde seus líderes, políticas internas e externas voltadas para um estado comum, além da influencia de Bismarck nas próximas gerações de líderes.

## 2. A FORMAÇÃO DOS ESTADOS NACIONAIS

As formações dos estados remotas desde a Grécia Antiga com as famosas Pólis ou cidades-estados que tinham seus próprios costumes, mesmo idioma, mostrando ser possível prosperar junto com as regiões mais próximas em um sistema de troca, outras cidades importantes seguiram os gregos, em destaque os Romanos na Era Antiga.

Atualmente, como podemos caracterizar o Estado? Ou seja, pelo que ele é constituído?

Segundo Humberto Ávila (2005, p 166), “primeiramente o estado deve conter território definido, população, um poder central, no caso um governo, posteriormente desenvolver a capacidade de cooperar com seu vizinho, além da capacidade diplomática de interagir com os outros Estados”, em outras palavras, é o Povo, Território e Soberania.

Povo seriam as pessoas que vivem no território, sendo o último o determinado pedaço de terra que nele habita o povo. Soberania caberia ao povo instituir um governo independente e institucional.

Após a queda do império romano do ocidente as regiões se tornaram um feudo que funcionaria em torno de uma figura central, no qual dependiam dele, sendo chamado de feudalismo, onde se produzia o necessário para a alimentação e o excedente era trocado por outros produtos, isso ficaria conhecido como mercantilismo.

Durante todas as revoluções e estratégias utilizadas segundo Charles Tilly estariam relacionadas a soberania dos estados e sobre quem controlaria o comércio, já que este era a chave do desenvolvimento e o motivo, entravam em conflito em buscas de melhores áreas comerciais.

”A existência de um comércio intenso entre a cidade e o campo ofereceu um a oportunidade aos governantes de arrecadar receitas através de taxas alfandegárias e de impostos sobre consumo, enquanto a economia relativamente comercializada facilitou aos

monarcas o controle dos grandes proprietários de terra à medida que estendiam o poder real às cidades e aldeias.” (TILLY, 2002, p. 101).

Nos séculos XVIII e XIX vemos a era napoleônica que visava à destituição das monarquias e se alto proclamar imperador, que resultou em um fracasso. Já que durante um congresso de Viena todas as monarquias que foram destituídas por Napoleão foram restauradas.

Quando Napoleão expõe essa ideia houve clamor popular, mesmo que ele não tenha obtido sucesso ele iniciou uma série de mudanças, parlamentos foram abertos para diminuir o poder dos reis, consultas públicas (ocorriam raramente), essas mudanças vieram de um simples pensamento, Napoleão queria tirar os reis do poder, com esse objetivo mesmo que tenha falhado no final gerou uma série de mudanças positivas que começaram a reduzir o poder dos reis.

O debate dos estados nacionais se dá na ideia inicial de Napoleão de extinguir a monarquia, gerando um novo sistema de governo, porém não terminando com ele imperador do mundo, mas sim com cada estado soberano, com sua própria cultura, regras, religião, com o poder distribuído em vez de centralizado em apenas uma pessoa.

## **2.1 A coerção e o capital na formação dos estados nacionais**

Charles Tilly (1992, p 10) a formação inicial do Estado levava em consideração a importância das cidades, sendo que regiões dominadas por comerciantes de longa distância eram tidas como concentração de capital, onde não se encontrava cidades importantes fazia-se uso da coerção com a cooperação dos senhores rurais.

Durante o século XVIII ocorria na Europa uma crise política que na tentativa de alterar o regime, logo após a revolução francesa, afetaria todas as monarquias, durante a crise de fome que assolava o continente europeu, com esses acontecimentos surge um sentimento de mudança e de revolta, que resultaria no futuro dos estados independentes e unificados, deixando o antigo

modelo no passado, lidando com a situação com um pensamento liberal que predominaria no século XIX.

Do ponto de vista econômico, os dois “grandes” temas da historiografia da Alemanha até o século XX são a Guerra dos Trinta Anos e a Revolução Industrial. Em especial, no que se refere à Guerra.

A Guerra dos Trinta Anos é uma série de guerras travadas a partir 1618, em especial em território alemão, pelos mais variados motivos, dentre eles, rivalidades comerciais, territoriais e principalmente religiosas. Esse conflito provocou sérios problemas demográficos e econômicos na Europa central, encontraram seu fim em 1648 no Tratado de Westfália.

De acordo com Kissinger (2008), a Revolução Industrial teve grande influência no desenvolvimento das cidades, muitos fizeram o êxodo para as cidades a procura de empregos e de uma vida melhor, com o desenvolvimento da tecnologia pode-se criar armas mais sofisticadas.

A prática econômica predominante no Antigo Regime, também conhecido como período absolutista, (dado esse nome devido à premissa de um poder centralizado), era o mercantilismo. Essa prática é caracterizada pela intervenção constante do Estado nos negócios financeiros, com a ideia de que o acúmulo de riquezas proporciona um maior desenvolvimento do Estado, trazendo prestígio, poder e respeito internacional.

Segundo Eric J. Hobsbawm (1848), o sistema era marcado pela proteção alfandegária, altas taxas para produtos estrangeiros, metalismo (acúmulo de metais preciosos), pacto colonial (onde as colônias eram fechadas ao comércio com outros países que não a metrópole), balança comercial favorável, e a industrialização do país. Referente à industrialização e o desenvolvimento de novos armamentos para a guerra, a revolução industrial trouxe um choque para a sociedade que vivera por séculos no campo, agora migrariam para as cidades em buscas de empregos e melhores condições de vida, porem encontraram algo completamente diferente, acabaram se tornando escravos, condenados a longas jornadas de trabalhos sem descanso. A industrialização foi rápida, devido a necessidade de mão de obra barata, já que as fabricas operavam a todo vapor.

O iluminismo contestava de forma severa as instituições do Antigo Regime e defendia os ideais burgueses de liberação do comércio sem a

participação do governante, liberdade de compra e venda com isso a crise do Antigo Regime tornou-se o movimento decisivo de transição entre o feudalismo e o capitalismo.

O fenômeno revolucionário dava-se as contradições existentes entre forças econômicas e sociais emergentes ligadas ao aceleração do capitalismo, eram as novas forças de transformação contra as forças de conservação.

“Os estados nações foram constituídos pelo processo de industrialização devido ao impacto da revolução industrial, sendo que em sua maioria eram estados agrários, que dificilmente poderiam competir com a Inglaterra.” (HOBSBAWM, 2002, p. 62).

Para fortalecer os estados foram adotadas algumas regras como, por exemplo, a força militar sendo formada por pessoas que falavam a mesma língua, compartilhavam da mesma cultura entre outras características comuns.

“Todo povo tem sua missão especial que ajudará no cumprimento da missão geral da humanidade. Esta missão constitui a sua nacionalidade. “A nacionalidade é sagrada.” (Ato de Fraternidade da Jovem Europa, 1834, p 13).

Com apenas características comuns cria-se um sentimento de patriotismo? Ou é necessário algo mais, vamos discutir mais sobre no próximo capítulo.

“Chegará o dia... Em que a sublime Germânia estará no pedestal de bronze da liberdade e da justiça, segurando em uma das mãos a tocha do esclarecimento, que lançará a luz da civilização aos mais remotos cantos da terra, e na outra a balança da justiça. Os povos lhe pedirão que julgue as suas disputas, estes mesmos povos que agora nos mostram que o poder é o direito e nos chutam com a botina do escárnio e do desprezo.” (SIEBENPFEIFFER, 1832, p. 217).

Desta maneira criando lentamente o nacionalismo com a idéia de pertencer aquele lugar, tornando sua casa, estando prontos para defendê-la, com o tempo o nacionalismo se fortalece, ganhando uma visão mais radical.

“O nacionalismo, durante a história moderna, foi o movimento que considerava a criação do Estado nacional como indispensável para

realizar as aspirações sociais, econômicas e culturais de um povo. O nacionalismo se caracterizou pelo sentimento de comunidade baseado em uma origem, em um idioma e em uma religião comuns. Antes do século XVIII, momento no qual o nacionalismo começou a ganhar as características de um movimento específico, os Estados eram baseados em vínculos religiosos ou dinásticos. Imersas no âmbito do clã, da tribo, do povo ou da província, as pessoas estendiam em raras ocasiões seus interesses pelo espaço que compreendia as fronteiras estatais. O momento decisivo na história do nacionalismo na Europa foi a Revolução Francesa. Até aquele momento, os sentimentos nacionais franceses emanavam da figura de seu rei. Com a revolução, a lealdade ao monarca foi substituída pela lealdade à pátria. O surgimento do nacionalismo coincidiu em sua maior parte com a expansão da Revolução Industrial, que favorecia o desenvolvimento econômico nacional, a formação de uma classe média e o anseio popular de um governo representativo.” (VARELA, 2005, p. 70).

Segundo Pedro Varela (2005), o nacionalismo se torna parte essencial dos estados nacionais no momento em que para de se seguir uma dinastia, um rei e passam a seguir a pátria, isso acontece no momento em que as classes sociais estão se formando em volta dos resultados da revolução industrial, desenvolvendo a necessidade de um governo que os representassem.

Com a revolução industrial o capital se torna uma das fontes mais importantes para a formação dos estados, já que o comércio já era utilizado há séculos, como meio de designar os limites territoriais, estipulando as futuras fronteiras.

Maquiavel bem que tentou realizar um esforço excepcional, arregimentando o máximo de tropas que pôde, mas isso não foi o suficiente, por conta da própria situação do Estado florentino. Tilly bem diagnostica a dificuldade dessas inovações ali onde “a extensão da atividade comercial afetou fortemente a viabilidade das diversas táticas usadas para construir o poder do Estado” (Tilly, 1996, p. 198). A falência do modelo italiano é, pois, indicativo da importância da guerra – e do modo como se responde a ela – na organização dos Estados. No limite, podemos dizer que “a estrutura do estado emergia sobretudo sob a forma de produto secundário dos esforços dos governantes para adquirir os meios de guerra” (TILLY, 1996, p. 61).

Contudo, ater-se a isso seria algo demasiadamente simplista. As dimensões de um Estado não são consideradas em si mesmas, suficientes para explicar o seu sucesso. Para além dessas observações mais elementares, podemos seguir a argumentação de Tilly em direção a ponderações mais ricas.

Assim, podemos dizer que o confronto entre aquela constelação de cidades-Estado e os impérios representa o próprio encontro entre dois momentos distintos da experiência política.

A coerção e o capital são importantes para a solidificação do estado, na regulamentação das leis do estado e já que deve-se manter uma certa quantidade de capital dentro do Estado para fortalece-lo e para casos de emergências.

## **2.2 A era das revoluções e sua influência para a unificação dos Estados**

Esse período é marcado por diversas revoluções, sendo as mais importantes para a unificação alemã a revolução industrial e a revolução francesa, criava-se uma nova perspectiva sobre os estados, criando uma divisão em 3 poderes.

“Enquanto errados em outros aspectos importantes, puseram o dedo nesse ingrediente decisivo: uma classe comercial e industrial demasiada fraca e dependente para tomar o poder e governar de seu direito próprio”. (MOORE JR, 2005, p. 503).

Segundo Eric Hobsbawm (2002), as revoluções afetavam a fração de produtores rurais, tendo isso como base, vemos as manifestações como critério inicial sobre a formação dos estados, já que para governar era preciso apoio.

Como conquistar apoio em uma época de revoltas e fome? Devemos ressaltar que nesse período as pessoas estavam revoltadas com o regime aplicado e devastadas pela fome devido a colheitas mal sucedidas e impostos autíssimos. Com isso nessa frase vemos como pode ter sido difícil criar a idéia de unificações nas mentes das pessoas que estavam a pressionar e a viver entre o fogo cruzado, em especial produtores rurais, que tinham como dever alimentar o povo, porem não tiveram colheita favoráveis.

“Em termos de produtividade econômica, esta transformação social Foi um imenso sucesso; em termos de sofrimento humano, uma tragédia, aprofundada pela depressão agrícola depois de 1815, que reduziu os camponeses pobres a uma massa destituída e desmoralizada.” (HOBSBAWM, 2002, p. 57).

As revoluções que marcaram a formação dos estados modernos tiveram início com a revolução francesa, demonstrando a revolta do povo para com seu monarca, que utilizava os impostos cobrados para fins pessoais, deixando sua própria população faminta. O rei deveria governar para seu povo, mas o estava deixando a própria sobrevivência? A imprudência de rei criou revolta devido ao descaso por sua parte.

“Outra revolução é a industrial que fez com que as pessoas em busca de trabalho deixassem o campo e viessem para as cidades, como resultado houve superlotação, somados a falta de saneamento básico, doenças se espalhavam com extrema rapidez. Além de que o trabalho era extremamente pesado, sem tempo de pausa, já que tudo era descontado, se por acaso diminuísse o ritmo de produção, um ótimo exemplo dessa dura jornada de trabalho da época é o filme Tempo Modernos de Charles Chaplin, que ressalta o trabalho em larga escala e repetitivo. Tanto a revolução francesa, como a industrial modificaram a forma de pensar e agir, adotando novas rotinas.” (HOBSBAWN, 2002, p. 88).

Segundo Rothfuss (2009, p.12), a questão de maior influência foi que os estados perceberam que unidos se tornam mais fortes em especial, os que ainda se encontravam fragmentados, fazendo isso posteriormente se formariam as grandes alianças. As revoluções demonstram o descontentamento do povo com as condições que lhe eram impostas, era uma maneira de fazer os governantes verem que se não mudassem as aplicações de suas leis e a cobrança de tributos excessivos, perderiam o poder que tinham obtido ao longo dos séculos.

De acordo com Caldwell (1949), as mudanças foram às conseqüências dessas revoluções, sendo que elas implicavam diretamente no governo, criando uma abertura para os estados nacionais e a formação de uma nova classe social, a burguesia, formada por comerciantes que sempre foram

reprimidos pelo poder dos reis, com as mudanças tanto no governo quanto na sociedade, ganharam cada vez mais destaque ao longo do século.

### 2.3 O espaço alemão no início do século XIX

No início do século XIX antes do processo de unificação, o território germânico estava fragmentado em 39 estados que formavam a Confederação germânica. Os maiores estados eram a Áustria e a Prússia.

Era um território um pouco maior do que aquele que conhecemos hoje, apesar de sua grande extensão, eram praticamente agrícolas, voltados para sua própria sustentação, em meio a um mundo de guerras e revoltas que assolava toda a Europa.

Podemos claramente destaca-lo na figura 1, que nos mostra o território do império alemão do século XIX.

Figura 1. Espaço alemão século XIX



Fonte: [www.unificationgermany.com.de](http://www.unificationgermany.com.de) (2016)

Guilherme II foi o último imperador alemão até sua abdicação em 1918 quando a monarquia foi abolida da Alemanha, sendo ele próprio ter dispensado o chanceler Bismarck, liderando uma política belica conhecida como “Novo Rumo”, aplicada no início do século XX.

Essa política deu certo? Vejamos parcialmente sim, levando em consideração a unificação tardia da Alemanha e mesmo assim conseguindo competir com nações mais evoluídas, os resultados provavam isso, já que devido ao seu crescimento acelerado entrou na briga para obter territórios na África e na Ásia, assim expandindo sua área de influência.

Segundo MOORE JR, 2002, a expansão do comércio alemão criou esta tensão devido que a Inglaterra até não precisava se preocupar com competições por mercados, como a partir de agora gerando essa tensão.

Porque a rápida expansão alemã gerava tensões entre esses países? O crescimento alemão era realmente espantoso? As potências comerciais não queriam aumentar a competição sobre a mercadoria?

O espaço territorial alemão do século XIX era dividido entre propriedades rurais e áreas industriais que prosperavam rapidamente, utilizando a tecnologia da revolução industrial como base.

Podemos destacar que o crescimento alemão derivava do crescimento do uso da tecnologia internamente, pela crescente área industrial.

## **2.4 A confederação alemã e a formação do Zollverein**

Zollverein (União do Uso Geral da Alemanha) é um protótipo para o que conhecemos como união aduaneira hoje, sendo que ambas fazem uso de uma política de facilitação de produtos entre os membros participantes e utilizam de um imposto comum entre eles, fazendo com que o produto fique mais barato internamente, era constituído por 39 estados nações, que tinham como meta a liberdade alfandegária favorecendo a liberdade de suas fronteiras internas, facilitando o comércio e uma maior estrutura industrial, excluindo totalmente o Império Austríaco.

Inicialmente utilizados por estados próximos a Prússia, os estados do norte, sendo visto como um modo de transportar bens, estimulando a economia

e o comércio, depois envolve mais estados ao verem os benefícios que essa união poderia trazer para seus mercados internos.

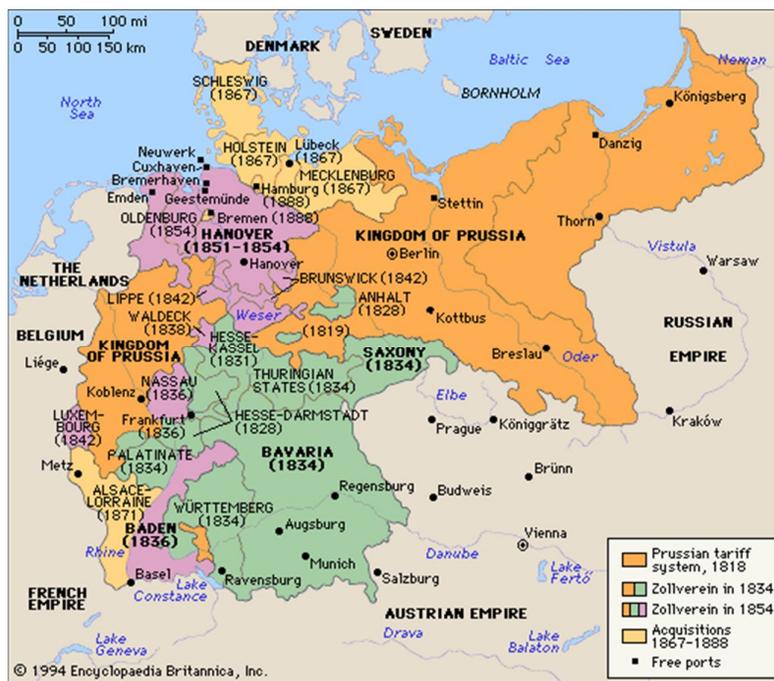
A confederação da Alemanha do Norte foi formada em 1867, integrando 22 estados do norte, sendo apenas transitório, já que durou apenas até a criação do império em 1871, porém teve grande importância para fortalecer o controle da Prússia sobre a Alemanha Setentrional, semelhante ao Zollverein ao sul.

A Prússia era o maior reino, com o império austríaco, porém com idéias claramente diferentes, sendo que um deles queria a unificação e o outro não demonstrava o mesmo interesse e com o tempo foi retirado das reuniões para a unificação

Porque era tão importante unificar estados que eram independentes por séculos? Segundo Karin Friedrich (2002), historiadora alemã, havia um desejo de tornar todos esses estados em uma única só nação, sendo que basicamente eram bem semelhantes.

Com a ideia de uma só nação, os estados do norte criaram uma união de uso geral da Alemanha, primeiramente países próximos a Prússia, logo depois houve outras adesões, como podemos ver no mapa da figura 2, que expressa todos os envolvidos nessa união.

Figura 2. Zollverein (Deutscher Zollverein ou União do Uso Geral da Alemanha)



Fonte: Info Escola, 2009.

Segundo (Karin Friedrich, 2002, p. 7-8) Otto von Bismarck, conhecido como o chanceler de ferro, era o estadista mais importante da Alemanha do século XIX, tendo um intelectual extremamente diferencial e estrategista coube a ele lançar as bases do II Reich (1871-1918), que fizeram com que o país, superando a existência de mais de 300 entidades políticas diferentes, conhecesse pela primeira vez na sua longa história a existência de um Estado-nacional único.

“Acreditar em nossos sonhos, enfrentar as dificuldades e realizá-los, isso nos torna único.” (BISMARCK, 1898, p. 15), Esse pensamento mostra a crença de Bismarck que obtendo sucesso sobre as dificuldades ele se tornaria único, sendo assim desprezou os recursos do liberalismo político, devido à crença de que a nação deveria ser conduzida com mãos de ferro, sobretudo com o uso do militarismo criando a unidade alemã, baseado no consenso ou no voto das maiorias extraído das práticas parlamentares, apostando sempre numa política

de força (discurso de sangue e ferro), moldando assim o novo Estado alemão dentro da blindagem do antigo sistema autoritário prussiano.

Podemos ver claramente o nacionalismo de Bismarck, mostrando uma pessoa dedicada para com sua nação, sendo que o estado alemão se assemelhava ao regime autoritário prussiano no qual Bismarck era totalmente fiel.

### 3. A FORMAÇÃO DO ESTADO-ECONOMIA NACIONAL ALEMÃO

O estado alemão se formou com a união de todas as regiões independentes, que anteriormente formavam o império germânico, sob a liderança forte da Prússia principalmente, como o propósito de impor uma liderança prussiana com um território maior.

“A presença ou ausência de aglomerações urbanas causou uma profunda diferença na vida social regional e suscitou formação do estado. Sob as condições de produção e transporte predominantes na Europa antes do século XIX, as cidades maiores estimularam a agricultura comercial em áreas tributárias que se estenderam por muitos quilômetros dentro da zona rural. Este tipo de agricultura, por sua vez, favoreceu de modo geral a prosperidade dos comerciantes, dos grandes cultivadores e dos pequenos proprietários rurais e ao mesmo tempo reduziu a capacidade dos grandes senhores de terra de dominar as pessoas em suas adjacências rurais.” (TILLY, 2002, p. 101).

Conforme Nietzsche (1870), escreveu que para formar um estado de grande dimensão deve-se ter característica sem comum, uma visão comum, caso contrário seria um completo desastre.

No início do século XIX, grande parte da população vivia nos campos e sua economia era baseada em produtos agrícolas, com a implementação das novas tecnologias que já eram utilizadas pela Inglaterra e França, o cenário mudou, emergiram grandes fábricas manufaturadas, especialmente de carvão e aço, houve um intenso programa de industrialização.

Já na metade do século a indústria já tinha estabelecido suas raízes, mudando o cotidiano das pessoas. Em crescimento constante, em pouquíssimo tempo já alcançava patamares de uma potência, já que melhoravam os métodos já existentes, a fim de acelerar o crescimento em todas as áreas.

A unificação alemã se deu a partir de diversos conflitos para formação de seu território, sendo pensado pelos estados do norte em especial a Prússia, que via a união como uma maneira de criar um império forte e abrangente que pudesse competir comercialmente com nações mais antigas. Seguindo esse princípio a unificação se deu totalmente pela a

força, pelo modo prussiano, que visava a conquista de territórios e, sobretudo o aumento de sua força.

### **3.1 A importância de Otto Bismarck para a unificação**

Primeiramente vamos contextualizar quem foi Otto Von Bismarck e porque por detrás de suas ações e nesse mesmo, falaremos um pouco de legado deixado por Bismarck para o mundo.

Otto von Bismarck foi o chanceler do Reino da Prússia que concedeu uma estratégia para unificar a Alemanha sob o controle prussiano, tendo participado como representante da Prússia na Dieta de Frankfurt que foi uma assembléia que tinha como objetivo resolver as disputas entre Prússia e Áustria, esperando-se que atuasse como um órgão legislador de autoridade suprema, porém não havia sido fixado seu valor previamente, ou seja, não se sabia se os decretos iriam ter força ou não, com isso acabou por se dissolvendo, foi onde ele se destacou por suas idéias conservadoras e anti-austríacas.

Sucessivamente foi embaixador em São Petersburgo e Paris, onde conheceu o imperador Napoleão III. Fazendo uso de uma visão revolucionária e de um pensamento Aristotélico “Os fins justificam os meios”, fez uso da força e de manipulação para alcançar seus objetivos.

“Em seu célebre discurso de 14 de Maio de 1872 perante o Reichstag, para demonstrar bem a pujança e independência da Nação Alemã, afirmou perante os parlamentares: “Nach Canossa gehen wir nicht immer? weder körperlich noch geistig!” recordando a humilhação sofrida pelo imperador germânico Henrique IV, em 1077, quando teve que ir, descalço e apenas com um cilício, em pleno inverno, pedir perdão ao Papa Gregório VII.” (DICTATUS PAPAE, 1077, p 1).

Durante esse discurso ele ressaltou o orgulho que sentia por sua nação, de seu povo e lembrando a todos de que o império não iria se curvar novamente como havia ocorrido em 1077, durante esse ano ele se recorda da humilhação sofrida pelo imperador germânico, ao ter que ir até o castelo de Canossa no Inverno para pedir perdão ao Papa, devido ao descumprimento do

Dictatus Papae, que eram um conjunto de 27 preposições que tratavam de autoridade, competência e poderes do Papa, tanto fisicamente quanto espiritualmente. Aclamado como herói por sua liderança e por seu um excepcional estrategista.

Nos últimos parágrafos vemos parcialmente quem ele era e quais os princípios de sua linha de pensamento e o que ele se propunha a fazer, novamente demonstrando seu intuito e sua perseverança em relação aos seus planos e objetivos em unificar os estados em um só, deixa claro o que ele era capaz de fazer para concretizar esse objetivo.

“Aliar-se ao Império Austríaco para derrotar a Dinamarca para adquirir o Eslésvico-Hosácia, posteriormente aliar-se ao Reino da Itália para provocar a guerra Austro-Prussiana com a finalidade de permitir a fundação sem interferência e participação Austríacas nos assuntos internos da Alemanha e por ultimo provocar a guerra Franco-Prussiana contra a França, após esta a Confederação transformou-se em Império e o rei da Prússia foi proclamado Kaiser da Alemanha unificada, com o título de Guilherme I.” (BEHMEL, 1997, p 110-120).

Após a unificação foi proclamado Chanceler do Império Alemão onde para formar a unidade alemã, desprezou os recursos do liberalismo político, fazendo uso da política da força, muita utilizada no antigo império prussiano, acreditava que a força era o único jeito de se solidificar uma nação, assim como tomou firmes atitudes anticlericais contra a Igreja católica numa política conhecida por KulturKampf (luta pela cultura).

“KulturKampf foi um movimento de caráter totalmente nacionalista, que visava a não participação da igreja católica nos assuntos públicos da Alemanha e procurava obter o apoio dos nacionais liberais. Temendo o avanço do socialismo Bismarck fora forçado a aliar-se com a banca católica, colocando fim a perseguição, fazendo com que esse movimento caísse no esquecimento.” (BEHMEL, 1998, p. 152-160).

Em 1890, começa a perder seu poder, devido às constantes e crescentes divergências com o novo Kaiser, Guilherme II, que o levou a se demitir em março. Era o fim da carreira política de Bismarck.

Bismarck deixou um legado inquestionável, por muitos considerado o pai da nação alemã, porém não em questões culturais, mas sim em questões factuais e administrativas, as políticas culturais criaram um vivo patriotismo, sendo que o próprio abraçou causas trabalhistas, apesar de ter sido um político e um hábil negociante, ele concretizou seus objetivos pelo uso da força, sendo dele a célebre frase: “Farei a unificação, mesmo que seja necessário fazê-la a ferro e fogo”. Com isso sua influência está espalhada por toda a Alemanha.

Por outro lado ele deixou uma nação completamente dependente de uma grande estadista, que sempre tomaria as decisões necessárias, deixando para trás uma nação sem qualquer costume de participação, acostumada a tolerância fatalista das decisões tomadas em nome do governo.

“Uma nação despreparada para considerar criticamente as qualificações daqueles que se assentaram em sua cadeira vazia e com surpreendente falta de constrangimento tomou as rédeas do poder em suas próprias mãos”. (Weber, 2004, p. 21).

Nesse período o parlamento era completamente impotente, sendo uns dos resultados de seu prestígio de Bismarck, o nível do parlamento depende da condição de que não só se debata grandes questões, mas sim influência decisivamente, fazendo isso, responderia a questão, se o parlamento tinha importância ou não, sendo apenas um carimbo da burguesia ou um órgão com opinião própria.

Segundo Weber (2004), Bismarck só se tornou uma lenda quando esta geração se tornou adulta, isto é, o povo levou um tempo para aceitá-lo, mas quando o fez, foi de braços abertos.

“O grupo maior admirava não a grandeza e o intelecto sofisticado, mas exclusivamente a mescla de violência e astúcia, a brutalidade aparente ou real de sua atividade política.” (WEBER, 2004, p. 13).

Ainda segundo Weber (2004), os homens do período inicial do Reichstag tinham suas próprias vantagens: conheciam seus limites e reconheciam os erros do passado e a tremenda superioridade intelectual de Bismarck.

“Varias vezes ouvi de seus lideres, que estes considerariam o cesarismo – governo exercido por um gênio – a melhor organização política para a Alemanha, se sempre existisse um novo Bismarck. Esta era uma sua convicção sincera.” (Weber, 2004, p.16).

Conforme o pensamento de Weber (2004) menciona que Bismarck acreditava poder criar uma atitude positiva para o Estado, a gratidão política, através de concessões de benefícios sociais a partir de fundos públicos ou de fundos dos privados compulsórios. Segundo alguns especialistas, isso foi um grave erro político, sendo que toda diplomacia, que já tenha contado com gratidão política fracassou.

### **3.2 As características da Alemanha unificada: plano interno e plano externo**

O próprio Bismarck preparou um esboço da constituição da Confederação Alemã que posteriormente se tornaria a constituição do império alemão, com alguns ajustes. A Alemanha recebeu algumas características democráticas, em especial o Reichstag (Parlamento), Do outro lado, o processo legislativo exigia a concorrência do Bundesrat (Conselho dos deputados), no qual a Prússia exercia grande influência. Por trás de uma fachada constitucional, a Prússia era a influência predominante em ambos os órgãos legislativos. Segundo Weber, Bismarck não tolerava qualquer poder autônomo, seja dentro dos ministérios ou dentro do parlamento.

“A política nacional de Bismarck pretendia exclusivamente impedir a consolidação de qualquer partido forte e independente. Seus meios imediatos foram o orçamento militar e a legislação anti-socialista (de 1878-1890); além disso, manipulou com total deliberação e destreza o Choque de interesses econômicos sobre a política tarifária.” (WEBER, 2004, p. 17).

As políticas domésticas de Bismarck foram de grande importância para a formação da cultura política autoritária do Império. O governo semi-parlamentar da Alemanha levou a efeito uma suave revolução econômica e política, de cima para baixo, pois para se tornar uma grande potência internacional é necessária uma boa estrutura interna voltada para o crescimento em longa e rápida escala.

“A política de Bismarck pautou-se pelo nacionalismo e pelo militarismo. As guerras com a Dinamarca e depois com a França asseguraram a unificação da Alemanha em torno de um regime militarista. Alguns historiadores observam que devido ao regime autoritário de Bismarck a democracia alemã posteriormente na República de Weimar falharia, iniciando-se o regime ditatorial do Terceiro Reich.” (MACMILLAN, 2001, p. 60-70).

Segundo Lasswitz (1870), os efeitos da modernização são distintos, devido ao fato de haver procurado atender a anseios expressados por meio de revoluções sociais. Com o poder político permaneceu nas mãos da aristocracia, o governo procurou conservar as estruturas sociais tradicionais, tanto quanto possível, embora a base econômica dos proprietários de terras se reduzisse rapidamente frente à da indústria, deixando as camadas sociais divididas. A unificação seguiu-se por um longo período de governo conservador e mesmo autoritário.

“Um dos subprodutos da modernização conservadora foi o militarismo. Este foi utilizado para unir as classes dirigentes - tanto a aristocracia-militar como os industriais - em torno do projeto de continuar a modernização sem alterar as estruturas sócio-políticas.” (HASTINGS, 2004, p. 29).

A política externa de Bismarck era conhecida como Sistema Bismarckiano, sendo uma de suas ações a proteção da Alemanha a vitória sobre a França. Com finalidade de evitar qualquer guerra possível, incluindo o isolamento da França.

Sua política também se dividia em três vertentes. A Liga dos Três Imperadores, a Entente do Mediterrâneo e o Tratado de Resseguro.

A Liga dos Três Imperadores foi um tratado consultativo entre as monarquias dos impérios russo, austríaco e alemão, que visava coordenar a política externa entre os participantes, visando principalmente o isolamento francês.

A Entente do Mediterrâneo foi uma série de tratados assinados entre a Grã Bretanha e Itália por mediação de Otto Von Bismarck, esse tratado tem como objetivo reconhecer o status quo (no mesmo estado que antes) no mar mediterrâneo e deter a expansão da Rússia nos Bálcãs.

Por meio do Tratado de Resseguro, Bismarck tentou manter a aliança com a Rússia após a dissolução das Liga dos Três Imperadores, considerava-se tal aliança essencial para dar continuidade do isolamento francês, a Alemanha abandonou o acordo após a demissão de Bismarck.

“... em que todos exijam a nossa força para manter a França fora de coalizões contra nós, por isso as relações uns com os outros precisam de uma reformulação mais prática o quanto possível”. (KISSINGER, 2006, p. 125).

Bismarck exprimiou a essência da Realpolitik no seu discurso Sangue e Ferro, realizado durante a Comissão do Orçamento na Câmara de Deputados da Prússia, no dia 30 de Setembro de 1862, pouco tempo depois de ter sido nomeado ministro-presidente:

"As grandes questões deste tempo não serão solucionadas por discursos e decisões por maioria - esse foi o grande erro de 1848/49 — mas pelo ferro e pelo sangue." (BISMARCK, 1888, p. 10).

A sua ênfase em ferro e sangue não significava simplesmente a força militar sem rival detida pelo exército da Prússia, mas sim dois aspectos mais importantes: a capacidade dos diferentes estados alemães de produzir ferro, e outros materiais bélicos relacionados, juntamente com a vontade de utilizar este material, se necessário.

Kissinger (2006) conceitua Realpolitik como sendo "política exterior baseada em avaliações de poder e interesse nacional". , segundo Rochau (1853), torna-se “uma visão cínica que não admite o altruísmo nem a justiça,

plocamando que não há moral em matérias de relações internacionais, dado que cada estado apenas prossegue os seus interesses”.

Na concepção de Rochau (1853), o realismo político assumir-se contra o sentimentalismo e o que então se menosprezava como romantismo. “A única base sã de um grande Estado é o egoísmo, não o romantismo”. (BISMARCK, 1850, p. 1).

Portanto neste sentido considera – se que os grandes Estados não poderiam obedecer ao principio do pacta sunt servanda, base do direito internacionl público, considerando também que os Estados são superiores às nações. “A política não se faz com discursos, festas populares e canções; ela faz-se apenas com sangue e ferro.” (BISMARCK, 1888, p 11).

Na questão interna, iniciou varias reformas administrativas, sendo uma delas a criação de uma única moeda para todos os estados, promulgou um código comercial e civil, além de instituir um banco central, preocupado com o desenvolvimento interno da nova nação.

#### **4. DOMINAÇÃO E ENFRAQUECIMENTO DA DEMOCRACIA NA ALEMANHA DOS SÉCULOS XIX E XX**

O "Segundo Reich", é obra quase do chanceler Otto von Bismarck, que projeta, sob regime monárquico, um moderno estado nacional, de governo central com soberania sob todo o seu território, num modelo que vinha sendo progressivamente adotado por outras nações européias.

Durante esse tempo foi se criando dentro do povo um sentimento de pertencimento a um povo, a um país, sendo instigada pelo próprio estado, onde cidadãos comuns se juntavam a fim de proteger sua nação, uns dos primeiros exemplos de nacionalismo e de participação de cidadãos comuns, foi as tropas de Napoleão que eram em suma maioria formada por membros da sociedade.

Em principio o nacionalismo não deveria ser prejudicial, porém em alguns casos se tornou fanatismo, que podemos ver infelizmente na Alemanha do século XX, em que alguns acreditavam na supremacia ariana, estimulando a idéia de que o povo alemão era encarregado de construir o império mundial, foi uma variante catastrófica da ideologia nacionalista.

De certa forma devido a ingenuidade, acreditando que é um pensamento inocente, não poderia ser interpretado de outra maneira, cada indivíduo tem sua própria perspectiva dos fatos e das informações, cabe a cada um, usar de maneira adequada.

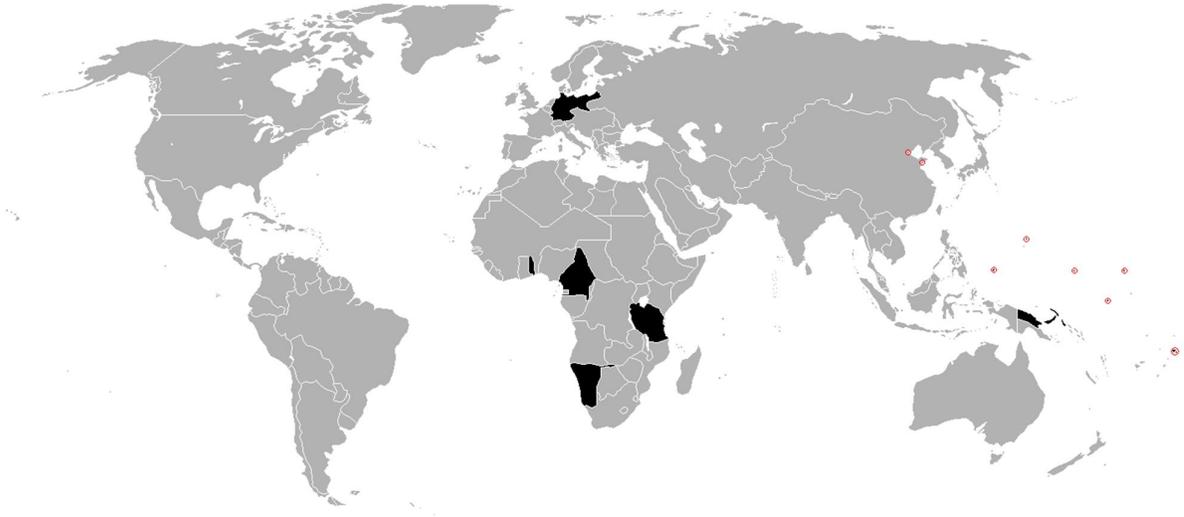
Essa composição, porém, é adotada em um momento bastante tardio, deixando o país em relativa desvantagem no cenário político e econômico da época. O novo império, porém, logo se destaca, e em pouco tempo rivaliza no campo econômico com a maior potência, a Grã-Bretanha, e apesar de ter chegado tarde à disputa colonial por territórios, consegue assegurar um império ultramarino de dimensões respeitáveis.

Segundo Hobsbawm (2002), a unificação tardia não impediu o exercito alemão de ser fortalecer e se aventurar em áreas controladas por ingleses e franceses as séculos, fazendo com que essas potências começassem a prestar mais atenção a nação recém-criada.

A Alemanha imperial se destacou durante a Era dos Impérios, conseguindo territórios na África e Ásia, fazendo com que a hostilidade com os ingleses alcançasse um ponto crítico.

Segundo o mapa da figura 3, destaca os territórios alemães obtidos pela divisão feita na África e na Ásia.

Figura 3. Territórios alemães no continente africano e asiático.



Fonte: Info Escola, 2008.

#### **4.1 As bases econômicas e políticas da Alemanha**

As bases da Alemanha se consistiam sobre o processo de expansão e o reconhecimento mundial de seu crescimento, apesar de seus poucos anos como uma nação unificada.

O processo de expansão para essas regiões foi marcado por várias tensões e guerras. A África, por exemplo, teve seu território dividido nesta época entre as nações européias, num evento denominado Conferência de Berlim, ocorrido em novembro de 1884. Essa divisão caracterizou-se pela completa arbitrariedade, tribos africanas inteiras foram desagregadas com a divisão, enquanto que algumas se mesclaram com outras que eram suas rivais históricas. A Inglaterra, nessa época, ficou conhecida como o grande Império

“onde o Sol não se põe”, exatamente por conta de sua vasta expansão, que integrava grandes países, como a Índia e a Austrália. (Imperialismo Europeu, 2007, p 134-140)

Quando tratamos do assunto Imperialismo, alguns aspectos devem sempre ser analisados em conjunto. Os principais são: Nacionalismo, Neocolonialismo e a junção entre o Capitalismo financeiro e o Capitalismo industrial.

O nacionalismo trata-se do orgulho europeu por sua pátria e deveriam espalhar seus costumes pelas novas colônias, o neocolonialismo voltasse para a superioridade do homem branco sobre as demais e tinham como objetivo disseminar seus idéias culturais aos outros povos considerados inferiores ou não civilizados, com esses dois aspectos podemos relacioná-los com o capitalismo tanto comercial como financeiro já que espalhar o conhecimento encontrava-se uma maneira de exploração dos materiais preciosos e mão de obra barata inserindo esses povos no mundo de trabalho, abrindo área para um novo mercado consumidor, que os mercados europeus necessitavam para escoar a produção.

O desenvolvimento de ideologias racistas que, partindo das teorias de Darwin, afirmavam a superioridade da raça branca: o etnocentrismo, baseado na idéia de que existiam povos superiores a outros (europeus superiores a asiáticos, indígenas e africanos). . Um exemplo disso foi o poema a “carga do homem branco”, escrito pelo poeta inglês, Rudyard Kipling (1865-1936).

Com essa idéia os europeus espalharam pela África e Ásia, seus costumes e tradições sem importar-se como a cultura desses territórios, disseminando seu próprio idioma, fazendo com que esses lugares fossem apenas uma expansão deles próprio.

Demonstrando sempre a supremacia do homem branco com a missão de levar desenvolvimento para essa área praticamente agrícola.

As conseqüências desse pensamento foram desastrosas especialmente na África onde vilas rivais foram colocadas no mesmo território já que a divisão não seguia a diversidade cultural que ali havia, em outros, aldeias foram divididas ao meio, causando o caos, em suma mostrava que essa divisão trouxe o caos que perdura até os dias de hoje.

## 4.2 Guerra e paz no século XX

Os países europeus começaram a fazer alianças políticas e militares desde o final do século XIX. Durante o conflito mundial estas alianças permaneceram. De um lado havia a Tríplice Aliança formada em 1882 por Itália, Império Austro-Húngaro e Alemanha (a Itália passou para a outra aliança em 1915). Do outro lado a Tríplice Entente, formada em 1907, com a participação de França, Rússia e Reino Unido.

Anteriormente houve a chamada corrida armamentista pela qual um país procura amar-se a fim de se defender do outro. Contudo isso cria um círculo vicioso já que em algum momento ambos os países se armam. Existem várias possibilidades, a fabricação de armas para venda ou uso próprio, em caso de guerra. Porém algumas vertentes não fazem uso de armas, mas sim de tecnologia, como por exemplo durante a Guerra Fria, a disputa entre Estados Unidos e URSS sobre quem enviaria o primeiro homem ao espaço.

“Para essa sociedade, as décadas que vão da eclosão da Primeira Guerra Mundial aos resultados da Segunda foram uma Era de Catástrofe. Durante quarenta anos, ela foi de calamidade em calamidade. Houve ocasiões em que mesmo conservadores inteligentes não apostariam em sua sobrevivência. Ela foi abalada por duas guerras mundiais, seguidas por duas ondas de rebelião e revolução globais que levaram ao poder um sistema que se dizia a alternativa historicamente predestinada para a sociedade capitalista e burguesa e que foi adotado, primeiro, em um sexto da superfície da Terra, e, após a Segunda Guerra Mundial, por um terço da população do globo. Os imensos impérios coloniais erguidos durante a Era dos Impérios foram abalados e ruíram em pó”. (HONBSBAM, 2003, p. 10).

Como os livros nos contam o estopim deste conflito foi o assassinato de Francisco Ferdinando, príncipe do império austro-húngaro, durante sua visita a Sarajevo (Bósnia-Herzegovina). "Vivi a maior parte do século xx, devo acrescentar que não sofri provações pessoais. Lembro-o apenas como o século mais terrível da história". (BERLIN, 2010, p.1).

Em 1917 ocorreram dois fatos históricos de extrema importância: a saída da Rússia devido a Revolução Russa e a entrada dos Estados Unidos no conflito. Os EUA entraram ao lado da Tríplice Entente, pois havia acordos comerciais a defender, principalmente com Inglaterra e França. Este fato

marcou a vitória da Entente, forçando os países da Aliança a assinarem a rendição.

Os derrotados tiveram ainda que assinar o Tratado de Versalhes que impunha a estes países fortes restrições e punições, que tinham como finalidade evitar um novo conflito armado e a perdas de mais vidas, porém o resultado foi em suma o contrario.

"Estamos tão exausto que dormimos sob intenso barulho. A melhor coisa que poderia acontecer seria os ingleses avançarem e nos fazerem prisioneiros. Ninguém se importa conosco. Não somos revezados. Os aviões lançam projéteis sobre nós. Ninguém mais consegue pensar. As rações estão esgotadas- pão, conservas, biscoitos tudo terminou. Não há uma única gota de água. É o próprio inferno! (Trecho de uma carta, encontrado no bolso de um soldado alemão morto durante a Batalha de Somme em 1916.)". (MARQUES, 1994, p.120).

O Tratado de Versalhes teve repercussões na Alemanha, que teria influência direta para o início de um novo governo que resultaria no início da Segunda Guerra Mundial. Apesar de não ter lutado a guerra sozinha, foi punida como se fosse à única culpada do conflito.

Com as perdas territoriais o mapa do antigo império alemão teve grandes modificações em sua área de domínio, demonstrando mais uma vez que vencer não era o suficiente, era necessário diminuir o perdedor por medo de que ele se realinhar-se mais uma vez, criando assim um novo conflito, no pensamento dos aliados proibir era mais eficaz do que usar a diplomacia e meios menos destrutivos para um país destruído pela guerra, só que essa diminuição apenas aumentaria os problemas num futuro próximo.

"Há uma contradição patente entre a experiência de nossa própria vida — infância, juventude e velhice passadas tranquilamente e sem maiores aventuras — e os fatos do século xx... os terríveis acontecimentos por que passou a humanidade". (BAROJA ,2013, p.1)

A fragilidade do império era visível, criando abertura para pessoa que viam a Alemanha reerguida, no auge, personalidades com grande poder de oratória, se tornariam a esperança do povo alemão.

A Alemanha viveu uma situação muito delicada, onde nada lhe foi facilitado e tudo retirado, deixando-a em ruínas, um país que tinha um pouco mais de um século, passava por dificuldades indescritíveis, isolada pelos países vencedores.

O que eles trouxeram com isso? Nada além de sofrimento, O que eles ganharam? Ressentimento. Um sentimento que levaria muitas vidas a serem perdidas e destruídas, nada seria igual, o mundo esperaria por uma absolvição que jamais viria.

A figura 4 mostra o novo mapa da Alemanha pós 1ª guerra mundial totalmente redesenhado e relativamente menor ao território do século XIX.

A redução e a alta multa claramente afetou o desenvolvimento alemão nas décadas seguintes, fazendo com que a república se desintegrar por completo.

Figura4. Território alemão pós 1ª guerra mundial



Fonte: Info Escola, (2009).

Assinado em 28 de junho de 1919, o Tratado de Versalhes foi um acordo de paz assinado pelos países europeus, após o final da Primeira

Guerra Mundial (1914-1918). Neste Tratado, a Alemanha assumiu a responsabilidade pelo conflito mundial, comprometendo-se a cumprir uma série de exigências políticas, econômicas e militares.

Estas exigências foram impostas à Alemanha pelas nações vencedoras da Primeira Guerra, principalmente Inglaterra e França. Em 10 de janeiro de 1920, a recém criada Liga das Nações (futura ONU) ratificou o Tratado de Versalhes.

Conseqüentemente a forte imposição do Tratado de Versalhes à Alemanha fez nascer neste país um sentimento de revanchismo e revolta entre a população. A indenização absurda enterrou de vez a economia alemã, já abalada pela guerra.

As décadas de 1920 e 1930 foram marcadas por forte crise moral e econômica na Alemanha (inflação, desemprego, desvalorização do marco). Terreno fértil para o surgimento e crescimento do nazismo que levaria a Alemanha para um novo conflito armado, a segunda guerra mundial.

Podemos afirmar que as imposições feitas aos alemães, foram extremamente duras, quase que como se a França estivesse se vingando pela derrota pela Prússia de Bismarck, na guerra Franco-Prussiana, fazendo disso, uma imensa referência ao código de Hamurabi, (Olho por olho, Dente por Dente), ao cobrar indenizações tão altas praticamente impossíveis de ser paga por uma Alemanha humilhada e destruída, a desvalorização da moeda, gerou uma onda de desemprego e fome assustadores podendo ser comparada a onda de fome que antecedeu a revolução francesa.

"Nós, que sobrevivemos aos Campos, não somos verdadeiras testemunhas. Esta é uma idéia incomoda que passei aos poucos a aceitar, ao ler o que outros sobreviventes escreveram-inclusive eu mesmo, quando releio meus textos após alguns anos. Nós,sobreviventes, somos uma minoria não só minúscula, como também anômala.Somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, jamais tocara o fundo. Os que tocaram, e que viram a face das Górgonas, não voltaram, ou voltaram sem palavras". (PRIMO LIVI, 2014, p.1)

Os maiores sofrendores desse tratado foi o povo, que mal tinha dinheiro para se alimentar ou manter sua família, situação agravada pela crise de 29,

estavam vulneráveis e desesperados por um salvador, com boa oratória e com sonhos de uma Alemanha melhor para todos, o povo precisava de esperança, uma luz que mesmo incerta, fazia com que você estivesse pronto para enfrentar um novo dia, acreditando em dias melhores, eram o que os trabalhadores faziam, apesar de todas as dificuldades, eles fizeram o mais difícil, continuam na espera de dias melhores.

Na questão política a República de Weimar, estava ruindo, de uma maneira que salvar a república era totalmente impossível, com o sistema político defasado, os radicais autoritários ganhavam cada vez mais destaque.

Segundo Kissinger, H, 2010, o tratado de Versalhes condenou o mundo há uma nova guerra, dez vezes mais sangrenta que a anterior e da qual o mundo nunca esqueceria.

“Só machuca quem está machucado, sejam pessoas ou países, quanto maior a ferida mais difícil de curar, o processo torna-se demorado e sangrento.” (HEGEL, 2002, p. 37).

Não bastando todas essas restrições, os vencedores impuseram uma indenização astronômica aos cofres alemães. A Alemanha deveria pagar cerca de 270 milhões de marcos-ouro aos países aliados. Além disso, outras multas foram estipuladas para o pagamento de pensões às viúvas, mutilados e órfãos. A maior parte destas indenizações estipuladas foi concedida aos franceses.

Figura 5. Manchete do jornal Die Wochenschau



Fonte: Jornal Die Wochenschau, 1919, p. 15.

Ao contrário de assegurar a paz, o Tratado de Versalhes foi visto como a grande motivação para uma Segunda Guerra Mundial. Seu caráter visivelmente punitivo alimentou o sentimento revanchista que abriu espaço para a ascensão dos estados nazi-fascistas na Europa. Alemanha e Itália foram tomadas por tais governos que, entre outros pontos, defendiam que a soberania nacional de seus países teria sido desonrada pelas medidas humilhantes do tratado.

Diferente do que se pensa o tratado trouxe apenas paz para os vencedores, sem se importando com os perdedores, ou melhor, dizendo o perdedor, já que apenas a Alemanha foi extremamente prejudicada não apenas em questões territoriais, mas em condições humanas, já que muitos morreram de fome, doenças, gerando um sentimento hostil para com os vencedores, tornando-a aberta a uma influência de promessas de mudanças, trazidas por pessoas carismáticas de atitudes firmes.

Devido às condições geradas pelas altas indenizações, muitos estabelecimentos fecharam, deixando muitos pais de família sem como alimentar seus filhos, tudo piorou quando ocorre a quebra da bolsa de New York em 1929, aumentando ainda mais, a sobrevivência do povo alemão e criando um desejo de revanchismo e a necessidade de uma motivação para esperar por dias melhores.

Exemplo dessa situação claramente afetou os que lutaram na Primeira Guerra Mundial, que se machucaram e agora tinham dificuldades de arrumar emprego pediam dinheiro nas ruas, segundo a figura 6.

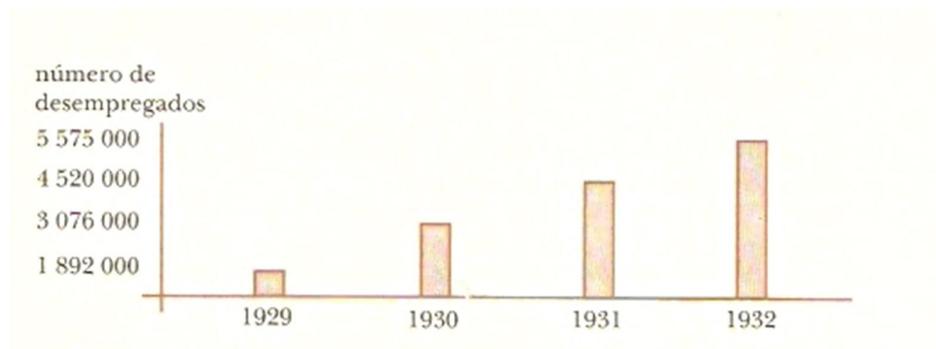
Figura 6 Um oficial alemão mutilado da Primeira Guerra Mundial pede esmola em uma rua da Alemanha. Essa situação vivida pela Alemanha pós guerra acelerou a ascensão do nazismo no país.



Fonte: Info Escola, 2010.

Outra consequência foi o desemprego alarmante, um dos pontos que facilitaram a ascensão de Hitler em 1933, como mostra o gráfico da figura 7.

Figura 7. Índice de desemprego alemão.



Fonte: índice de desemprego na Alemanha, 2005, p 35.

Segundo Caldwell (1933), as lutas pelo equilíbrio de poder foram as causas subjetivas de ambas as guerras, que resultaram em milhares de morte para manter um equilíbrio de poder fragilizado.

A Primeira Guerra Mundial modificou profundamente o equilíbrio ou a falta de equilíbrio entre os Estados. Reduziu a Alemanha e a Rússia, temporariamente ao nível de potências de segunda ordem e eliminou a Áustria completamente da lista. Deu uma espinhosa primazia à Inglaterra e à França na Europa, fortaleceu muita a posição dos Estados Unidos da América, converteu-o na principal nação credora do mundo e permitindo-lhes expandir o seu comércio sobre áreas até então dominados pela Inglaterra e Alemanha.

A Primeira Guerra Mundial provocou uma verdadeira revolução industrial, introduzindo inúmeras tecnologias de destruição. A Primeira Guerra Mundial representou um importante capítulo na crise do sistema econômico. Na realidade a Primeira Guerra acelerou sem dúvida todas as contradições que não foram resolvidas. Essas tentativas falharam e lamentavelmente ocorreu a Segunda Guerra Mundial.

A Grande Guerra deixou uma Europa dizimada, cemitérios e valas comuns lotados, famílias enlutadas e destruídas, vidas perdidas, uma tecnologia ampliada e cada vez mais veloz. E, é claro, mais e mais ódio e revanchismo, que levou a uma nova guerra. (LASSWITZ, 1914, p. 1).

Durante o período de guerra e de conflitos, podemos afirmar que o mundo vive em um completo caos, que pode ser definida pela teoria de relações internacionais chamada de realismo, que representava a necessidade de um poder central global e que o mundo vivia em constante anarquia.

Esse sentimento carregado pelo povo alemão e os altos índices de desemprego terminou por colocar Adolf Hitler no comando, iniciando o Terceiro Reich.

A oratória de Hitler naquela situação deu um ar de renovação para o povo, que a esperança de que as dificuldades ficassem rapidamente para trás, naquele momento era o que precisavam “esperança”, provavelmente nenhum deles pensou no que poderia acontecer, como legado de Bismarck deixava o povo a mercê de pessoas com desejo de poder, uma fragilidade deixada pelo chanceler de ferro, já que aceitavam tudo em nome da nação, passaram a seguir aquele que prometia devolver os dias de glória e acabar com o sofrimento. Quem poderia culpá-los? Quem criou essa situação que possibilitou o aparecimento dessa figura carismática para os alemães?

Nos parâmetros internacionais a situação em que a Alemanha se encontrava podia ser definida como um inferno estava isolada das principais potências, falida, indústrias fechando, crescente onda de desemprego.

#### **4.3 Os idéias de Bismarck sobre a visão de líderes mundial do século XX e XXI**

As idéias realistas de Bismarck podem ser visto por todo o século XX e XXI com líderes espalhados por todo o globo terrestre.

O realismo sempre esteve presente no mundo, como dizia Maquiavel em sua obra o Leviatã, por ser uma teoria que sempre buscava por poder e reconhecimento desse poder, além de respeito por trás dessa busca.

Alguns líderes do século XX fizeram uso dessa teoria anteriormente utilizada por Bismarck, entre eles Lênin, Stalin, Mussolini, Hitler entre outros.

Os primeiros fizeram uso do realismo acobertado sobre o ideal de socialismo, de mudança, a fim de esconder e principalmente manipular a população para que acreditem que um sistema igualitário poderia ser aplicado e que todos se beneficiariam dele, porém o utilizado na União Soviética não foi o puro socialismo já que sua implementação era inviável, mas sim um comunismo, onde apenas existia um partido governante, eles utilizam métodos para alcançar seus objetivos, igual a Bismarck na guerra franco prussiano.

Já Mussolini e Hitler utilizaram oratória e especialmente da propaganda para disseminar suas opiniões para convencer nações inteiras, fazendo uso de manipulação e propaganda, ambos utilizavam o totalitarismo, sendo o ultimo há utilizar todos os métodos possíveis e imagináveis para alcançar seus objetivos, muitos historiadores dizem que ele seguia algumas das idéias de Bismarck, como o militarismo como por exemplo. Além das próprias idéias expansionista de recuperar o território que um dia pertenceu à Alemanha.

Benito Mussolini instalou o facismo na Italia durante o periodo entre guerras, sendo um regime totalitario e militarista, que inspirou o proprio nazismo de Hitler que o tinha como exemplo para si mesmo.

Adolf Hitler fundador do regime dos trabalhadores alemães que lutava contra o governo e contra as regras impostas pelo Tratado de Versalhes, criando assim um imperio banhado em sangue e em ideologia raciais.

Já no próximo século temos como exemplo Vladimir Putin, George W Bush, Donald Trump, Osama Bin Laden, entre outros.

No caso de George W Bush e Osama Bin Laden, temos um conflitos de interesses onde o segundo procura demonstrar que a segurança americana, não é perfeita provocando assim o atentado mais conhecido da historia americana, o 11 de setembro, um ato de extremo realismo, fazendo mesmo que indiretamente o mundo declarasse guerra ao terrorismo, como uma de suas frases mais celebres, “Se não estão comigo, estarão contra mim” forçando o mundo a se posicionar em favor ou contra os Estados Unidos.

George W Bush expressava o realismo em sua politica externa com o uso de forças militares e ataques há países como leaque, Afeganistão e outros

que se mostravam contra sua política, demonstrando que com o poder poderia ser feito de tudo, que o poder era tudo que importava.

Osama Bin Laden é um exemplo claro de militarismo e suas consequências, treinado pela CIA, demonstrou uma análise pragmática sobre como se infiltrar em outros territórios, algo que os americanos estavam acostumados a fazer em outros territórios, mas não dentro de seu próprio território, demonstrando a franqueza de umas das nações mais poderosas do mundo. Osama é o exemplo prático de todo o processo realista na busca de poder, buscando poder criaram um inimigo que tinha conhecimentos e de mente pragmática que desencadeou um série de eventos que mudariam os Estados Unidos e o mundo, iniciando um novo ciclo.

Na Rússia temos a presença de Vladimir Putin no governo desde 1999 alternando entre os cargos de Primeiro Ministro e Presidente, demonstrando sua atitude realista em cada discurso em que se opõe fortemente a influências externa levando em conta a divisão causada pela Guerra fria, essa divergência entre Estados Unidos e Rússia existe até os dias de hoje, um não concordando com o outro, ambos fazendo uso da força e das armas para defender suas idéias e obterem seus objetivos.

Recentemente temos o Americano Donald Trump eleito presidente americano, fazendo uso de discursos racistas, xenofóbicos, sendo um realista extremo, fazendo uso da frase “Serei um bom presidente para os americanos”, além de seus comentários sobre nacionalismo exaltado, demonstrando seu patriotismo, disposto talvez a fazer o necessário por sua pátria.

Marine Le Pen é um exemplo de nacionalismo exaltado e de atitudes apoiada por muitos, já que a Europa vive a crise dos refugiados e atentados terroristas, a França se posiciona de maneira defensiva e cautelosa, assim com Trump, com discursos xenofóbicos contra os imigrantes e medidas drásticas contra a religião islâmica, proibindo as pessoas de exercer sua fé, atitudes radicais que o mundo não precisa agora, a Europa, ou melhor, a União Europeia deve permanecer unida para enfrentar essa ameaça.

Todos os casos citados tem pelos menos em seus discursos uma idéia de Bismarck, com isso podemos ver sua importância e algumas de suas idéias permaneceram até os dias de hoje.

Durante o Século XXI o nacionalismo exaltado por alguns integrantes se mostra tóxico para os outros criando novamente o individualismo voltado para se proteger acima de tudo, ignorando os apelos internacionais.

Nesse capítulo procuro demonstrar que os ideais totalitários e discriminatórios permanecem até os dias de hoje, e que podem ser encontrados ao longo dos séculos e em diversos lugares do mundo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procura afirmar a importância e a personalidade do chanceler de ferro para a unificação da Alemanha e sua conduta que tem sido questionada se ele teve alguma participação ou se foi usado como inspiração para novos regimes que viriam a seguir.

Concluindo que sua participação foi essencial para a unificação e para criação de regras para o Estado recém-formado, afinal de criar uma nação, a nação alemã, criando assim um sentimento de pertencer àquele local, desenvolvendo vínculos de nacionalismo, houve seus pontos fortes, mas também os fracos, afinal era apenas um homem que deixou seu nome na história como poucos.

Bismarck é fortemente a personificação de um nacionalista fanático, que para alcançar seus objetivos não mede as conseqüências, mas sim o resultado, levando tomar atitudes egocêntricas ao adulterar um documento para Napoleão III que levaria a guerra franco-prussiana sem importa-se com as vidas que seriam destruídas, por sua intenção maior, mostrando um lado indiferente, mas de certa forma, após isso ele se esforça constantemente para melhorar, como descrito em suas memórias.

Algumas atitudes poderiam ter sido diferentes, a maneira de exercer o poder, mostra uma faceta egoísta e até mesmo sádica.

Seguindo essa linha de pensamento, Bismarck mostrava a faceta que lhe era conveniente naquele momento, independente de agradar ou não, os demais senadores, tinha grandes habilidades de oratória e manipulação.

O chanceler adquiriu muita experiência com suas viagens, tinha uma visão revolucionária, acreditou nela e fez acontecer por vias de fato. Utilizando de forma pragmática colocou em ação o plano de unificação dos estados alemães, além de implementar na nação unificada o código criminal comum e o código civil alemão, esbanjava de incrível inteligência e um nacionalismo fanático, porém naquele momento era o que a Alemanha precisava, uma pessoa totalmente dedicada ao país.

Com isso podemos enxergar o quanto foi complicado a unificação da Alemanha e seu desenvolvimento posterior, isso nos passa a idéia de como era o nacionalismo alemão e como lidaram com ele.

O nacionalismo tornou uma ideologia perigosa com o passar do tempo já que muitos ditadores fizeram uso dessa ferramenta entre eles Napoleão Bonaparte (França), Adolf Hitler (Alemanha), Benito Mussolini (Itália).

“Não incentive conflitos por seus ideais” (NIETZSCHE, 1910, p.15).Essa frase de Nietzsche encontrada em *Jenseits von Gut und Böse*, 1910, p. 15, claramente diz que para comandar um país devemos saber a diferença entre nós mesmo e o povo. Não devemos governar pensamento individualmente e sim coletivamente.

Bismarck utilizou de métodos antiéticos para obtenção de seus objetivos, mas menos assim ele não visou apenas seu benefício próprio, mas também de todos os cidadãos.

Quem somos para julgar, quem somos para condenar? Ele fez o que achava apropriado para a situação nunca iremos entender o porquê, mas nem por isso devemos o mal dizer, ele foi um dos homens mais criativo e visionário de sua época. Podemos condenar o povo alemão pelos acontecimentos posteriores ao tratado de Versalhes?

A situação que eles viveram foi degradante em todos os sentidos, o que foi passado ninguém além dos que estavam lá, entendem o que houve, como foi, alguém de fora jamais entenderá, a historia é contada pelos vencedores, nunca pelos perdedores, me diga sem conhecer todos os verdadeiros fatos é possível julgar um povo? Ou é mais fácil acreditar na mesma historia contada e escrita por apenas um dos lado?

"Nosso século demonstra que a vitória dos ideais de justiça e igualdade é sempre efêmera, mas também que, se conseguimos manter a liberdade, sempre é possível recomeçar... Não há por que desesperar, mesmo nas situações mais desesperadas". (VALIAM,2011, p. 8).

Com esse pensamento podemos ver que apesar da dor, dos sofrimentos houve pessoas que não desistiram ou se desesperaram por dias melhores,

eles sempre persistem, isso que Bismarck nos mostra desde a unificação, persistir e realizar.

Podemos concluir que o legado de Bismarck foi mais que a unificação de Alemanha, ele deixou suas idéias, que foram disseminadas durante o século XX, também podemos notar que obtiveram maior desenvolvimento tecnológico num século do que em toda a história documentada até então.

O chanceler de ferro sempre será lembrado pelas coisas boas, mas também pelas más, não só na Alemanha, mas em todos os países do mundo. Esse é seu maior legado, ser lembrado.

Os resultados do presente trabalho mostram que mesmo sendo considerado por muitos o predecessor dos regimes autoritários. Ele não tinha uma visão egocêntrica em relação aos trabalhadores, o presente trabalho ressalta as qualidades positivas do chanceler, em relação ao povo, mostrando-se importar-se com os direitos dos trabalhadores.

Os pontos positivos mostram um lado mais sensível do chanceler e sua participação essencial no processo de unificação e na criação de políticas internas e externas, além de servir como mediador entre nações, um lado que talvez poucos conheçam, nos pontos negativos ressaltamos o nacionalismo acentuado que se tornaria um dos pesadelos mundiais no século XX, além do próprio totalitarismo e sua lealdade cega para com sua nação.

Nesse trabalho concluímos que Otto Von Bismarck foi um dos melhores estadistas alemães, que lutou por seus objetivos e sonhos, utilizando sempre do método que o fim justifica os meios, pensamento aristotélico, onde a finalidade é o que realmente importa, e para ele era um estado unificado em idioma, crenças e principalmente o sentimento de fazer parte de um lugar. Ele persistiu sobre todas as adversidades e concluiu seu desejo de ver sua nação unificada sobre um único estado.

Esse trabalho demonstra as qualidades e defeitos do estadista e seus grandes feitos, em uma época onde suas ideias eram controversas e muitos acreditavam que fazer sua estratégia ganhar vida era impossível, mas ele não os deu ouvidos e continuou. Às vezes o que parece impossível se torna seu maior legado, ao provar que era possível, bastava fazê-lo e estar disposto a correr os riscos e as consequências de suas decisões.

## REFERÊNCIAS

Abbellán. J. Nación y nacionalismo en Alemania. La “cuestión alemana” (1815-1990). Madrid: Tecnos, 1997.

Abrams, L. Bismarck and the German Empire, 1871-1918. London and New York: Routledge, 1995.

Adam Zamoyski, Rites of Peace: The Fall of Napoleon and the Congress of Vienna, New York, 2007, pp. 98–115, 239–40.

Adaptado de MATTOSO, Kátia M. Queirós. Textos e documentos para o estudo da história contemporânea. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1977, p. 166-170.

A.J.P. Taylor, Bismarck: The Man and the Statesman. Oxford, Clarendon, 1988. Chapter 1, and Conclusion.

Almeida, Ângela Mendes de. A República de Weimar e a ascensão do nazismo. São Paulo, Brasiliense, 1987.

AlonConfino. The Nation as a Local Metaphor: Württemberg, Imperial Germany, and National Memory, 1871–1918. Chapel Hill, University of North Carolina Press, 1997.

Anderson, P. Linhagens do estadoabsolutista. São Paulo: Brasiliense, 1989. Passagens da antiguidade ao feudalismo. São Paulo: Brasiliense, 2000.

Aretin von, K. O. E. “Russia as a guarantor power of the Imperial Constitution under Catherine II”. In: The Journal of Modern History, vol. 38 (Supplement: Politics and society in the Holy Roman Empire, 1500-1806), 1986. pp. S141-S160.

Arrighi, G. O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Ávila, Humberto. Teoria do Principio, São Paulo, 2004.

- Behmel, Albrecht. *Erfolgreich im Studium der Geisteswissenschaften*, Berlin, 2007.
- Bismarcks Arbeiterversicherung: ihre Entstehung im Kräftefeld der Zeit,  
W Vogel, O Bismarck – 1951
- Bobbio, Norberto. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro, Campus, 1992.
- Brose, E. D. *German history 1789-1871: from the Holy Roman Empire to the Bismarckian Reich*. Providence, RI: Berghahn Books, 1997.
- Bridge and Bullen, *The Great Powers and the European States System 1814–1914*.
- Bruford, W. H. "The organization and rise of Prussia". In: LINDSAY, J. O. (ed.) *The New Cambridge Modern History*, vol. VII: *The Old Regime, 1713-63*. Cambridge: Cambridge University Press, 1957. pp. 27-49.
- Bucholz, Arden. *Moltke and the German Wars, 1864-1871*, Palgrave Macmillan, 2001.
- Carlyle, T. *History of Frederick II of Prussia, called the Great*. Vol. Three: *The Hohenzollerns in Brandenburg. 1412-1718*. New York, Berlin: Globus Publishing, 1858. (edição disponível em <http://www.cs.cmu.edu/~spok/metabook/fgreat.html>)
- Carr, W. *A history of Germany, 1815-1945*. Oxford: Palgrave Macmillan, 1979.
- Carsten, F. L. *The origins of Prussia*. Oxford: Clarendon Press, 1954.
- Child, D. C. et al. *A short history of Germany, 1815-1945*. Cambridge: Cambridge University Press, 1959.
- Craig, G. *The politics of the Prussian army, 1640-1945*. London. Oxford, New York: Oxford University Press, 1968.
- Craig, G. *The politics of the Germany. 1914-1918* London. Oxford, New York: Oxford University Press, 2002.
- Crankshaw, Edward. *Bismarck*. New York, The Viking Press, 1981, p. 299.

Cury, Carlos Roberto Jamil. A constituição de Weimar: Um capítulo para a educação. Disponível em: Acesso em: 02 Out 2006.

Dahrendorf, R. Society and democracy in Germany. London: Weidenfeld and Nicolson, 1968.

Deyon, P. O Mercantilismo. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004. (Coleção Khronos, n. 1)

Dierckel, C. Diercke Schulatlas für Höhere Lehranstalten. Braunschweig, Berlin,

DG Williamson, Bismarck and Germany: 1862-1890, 2013

Dorn, W. L. "The Prussian Bureaucracy in the Eighteenth Century" In: Political Science Quarterly, vol. 46, n. 3, 1931. pp. 402-423.

Evans, R. J. "German History – Past, present and future". In: MARTEL, G. (ed.) Modern German reconsidered, 1870-1945. London: Routledge, 1992. pp. 237-54.

Feuchtwanger, E. "The Peculiar Course of German History". In: History Review, n. 43, 2002. pp. 49-54.

Finchelstein, F. (ed.) Los Alemanes, el Holocausto y la culpa colectiva. El debate Goldhagen. Buenos Aires: Eudeba, 1999.

Friedrich, Otto. Blood and Iron: From Bismarck to Hitler the Von Moltke Family's Impact on German History, 1st ed. New York: HarperCollins, 1995.

GA Craig ,Germany, 1866-1945- 1978

German constitutional and social development, 1795-1830. In: CRAWLEY, C. W. (ed.) The New Cambridge Modern History, vol. IX: War and peace in an age of upheaval, 1793-1830. Cambridge: Cambridge University Press, 1965. pp. 361-394.

Geoffrey Wawro, *The Austro Prussian War: Austria's War with Prussia and Italy in 1866*. Cambridge, Cambridge University, 1996, pp. 50–60; 75–79.

Georg Wilhelm Friedrich Hegel 1770 -1831, *As Dores da Guerra*, 2002, p 37.

Gooch, G. P. *Studies in German history*. London: Longmans, 1948.

Gulick, E. V. "The final coalition and the Congress of Vienna, 1813-15". In: CRAWLEY, C. W. (ed.) *The New Cambridge Modern History*, vol. IX: War and peace in an age of upheaval, 1793-1830. Cambridge: Cambridge University Press, 1965. pp. 639-667.

Haffner, S. *The rise and fall of Prussia*. London: Phoenix, 1998. (Paperback Edition)

Hagen, W. "The partitions of Poland and the crisis of the Old Regime in Prussia".

Henderson, W. O. *The industrial revolution on the continent. Germany, France, Russia*.

Hobsbawm, Eric J, *A Era das Revoluções*, São Paulo, 2002.

Hobsbawm, Eric J, *A Era do Capital*, São Paulo, 2004.

Hobsbawm, Eric J, *A Era dos Impérios*, São Paulo, 2006.

Ingrao, C. "The problem of 'enlightened absolutism' and the German states". In: *The Journal of Modern History*, vol. 38 (Supplement: Politics and society in the Holy Roman Empire, 1500-1806), 1986. pp. S161-S180.

Isabel V. Hull, *Absolute Destruction: Military culture and the Practices of War in Imperial Germany*, Ithaca, New York, 2005, pp. 90–108; 324–333.

James Sheehan, *German History, 1780–1866*, Oxford, 1989, pp. 434.

J. H. Clapham, *The Economic Development of France and Germany 1815–1914*

Joll, J. "Prussia and the German problem, 1830-66". In: BURY, J. P. T. (ed.) *The New Cambridge Modern History*, vol. X: *The Zenith of European Power 1830-70*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971. pp. 493-521.

Jonathan Sperber, *Revolutionary Europe, 1780–1850*, New York, 2000.

Joseph Whitaker. *Whitaker's almanack*, 1991. J Whitaker & Sons, 1990. Pp. 765.  
Referências para o termo *Deutsches Reich* que foi traduzido do inglês para "German Realm", até e incluindo o período nazista.

Jürgen Kocka, "Comparison and Beyond." *History and Theory*, Vol. 42, No. 1 (February, 2003), p. 39–44, and Jürgen Kocka, "Asymmetrical Historical Comparison: The Case of the German Sonderweg", *History and Theory*, Vol. 38, No. 1 (February, 1999), pp. 40–50.

Karin Friedrich, *The other Prussia: royal Prussia, Poland and liberty, 1569–1772*, Nova York, 2000, p. 5.

Kissinger, H. *Diplomacia*, edição 4 .trad Saul S Gefter e Ann Mary Fighiera Perpétuo. trad revista Heitor Aquino Ferreira.

La Constituicion Alemana de 11 de Agosto de 1919. Comentários de Ottmar Bühler. Barcelona, Labor, 1931.

Lasswitz, Kurd, *Germany States*, New York: Bowker, 1987.

Lloyd Lee, *Politics of Harmony: Civil Service, Liberalism, and Social Reform in Baden, 1800–1850*, Cranbury, New Jersey, 1980.

Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida, *Ideologia nacional e nacionalismo*, 2015.

Martin van Creveld. "The Art of War: War and Military Thought", Cassell&Co, London, 2000.

Macksey, Kenneth. *From Triumph to Disaster: The Fatal Flaws of German Generalship from Moltke to Guderian*. Mechanicsburg, Pennsylvania: Stackpole Books, 1996.

Michael Eliot Howard, *The Franco-Prussian War: the German invasion of France, 1870–1871*. New York, MacMillan, 1961, p. 40.

Moore JR, Barrington - *As origens sociais da ditadura e da democracia*.

Norbert Elias, *Os Alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*, Zahar, 1 de jun de 1996.

Nietzsche, Friedrich, *Jenseits von Gut und Böse*, 2002, ed. New York, 2005.

*Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

Otto von Bismarck, *Gedanken und Erinnerungen*, Volume 1, BoD – Books on Demand, 2012.

Otto Von Bismarck, *Bismarck, the Man and the Statesman*, Cosimo, Inc., 2005.

*Otto von Bismarck: a historical assessment*, TS Hamerow, 1962.

Peter Rühmkorf, Heinz Ludwig Arnold, *Das Lied der Deutschen*Göttingen: Wallstein, 2001, ISBN 3-89244-463-3, pp. 11–14.

Philip G. Dwyer, *Modern Prussian History, 1830–1947* (2005) p 2

Reardon, Kathleen, *Persuasion in Practice*, 2<sup>a</sup> ed., Newbury Park, Sage Publications, 1991.

R Gerwarth, *The Bismarck myth: Weimar Germany and the legacy of the Iron Chancellor* - 2005

Richard J. Evans, *Death in Hamburg: Society and Politics in the Cholera Years, 1830–1910*. New York, 2005, p. 1.

Rothfuss, Patrick, *The Kingkiller Chronicle*, Daw Books, Editora Sextante, Gailivro, 2009.

Thalman, Rita. *La République de Weimar*. Paris, PUF, 1986.

Taylor, Bismarck, p. 133.

The Prussian Bureaucracy in the Eighteenth Century II In: *Political Science Quarterly*, vol. 47, n. 1, 1932. pp. 75-94.

The Zollverein. London: Frank Cass, 1968.

Thomas, Nigel. *The German Army in World War I* [S.l.: s.n.] p. 3.

**Tilly, Charles. *Coerção, capital e estados europeus, São Paulo, 1992.***

Weber, Max, *Parlamentarismo e governo num Alemanha reconstruída*, Rio de Janeiro, 2009.

Weber, Max, *O legado de Bismarck*, Rio de Janeiro, 2007.

Williamson, D. G. (1998). *Bismarck and Germany 1862-1890* (em inglês) 2ª ed. (London/New York: Longman). p. 5.

Wilkinson, Spenser (ed.). *Moltke's Military Correspondence, 1870-71*, Ashgate Publishing, 1991.

World Book, Inc. *The World Book dictionary, Volume 1*. World Book, Inc., 2003. Pp. 572. States that *Deutsches Reich* translates as "German Realm" that was a former official name of the Germany.